

COMENTÁRIO BÍBLICO

3º Domingo do Advento – Ano B

13dez2020

Isaías 61,1-4.8-11; Salmo 45,2-8; I Tessalonicenses 5,16-24

S. João 1,6-8.19-28

⁶Houve um homem enviado por Deus que se chamava João. ⁷Ele veio para dar testemunho, para dar testemunho da luz, para que todos cressem por meio dele. ⁸João não era a luz, mas foi enviado para dar testemunho da luz.

¹⁹Foi este o testemunho de João quando as autoridades judaicas de Jerusalém enviaram sacerdotes e levitas para lhe perguntarem: «Quem és tu?» ²⁰E ele confessou-lhes abertamente: «Eu não sou o Messias.» Mas eles insistiram: ²¹«Quem és então? És o profeta Elias?» Ele disse-lhes que não e eles perguntaram: «És o profeta que há-de vir?» Ele tornou a responder-lhes que não. ²²Mas eles insistiram novamente: «Diz-nos então quem és, para podermos dar uma resposta aos que nos mandaram ter contigo. Que dizes de ti mesmo?» ²³João respondeu-lhes: «Eu sou a voz do que clama no deserto: preparem o caminho do Senhor, como disse o profeta Isaías.»

²⁴Alguns dos enviados que estavam a falar com João eram fariseus ²⁵e perguntaram-lhe: «Se não és o Messias, nem Elias, nem o profeta, por que é que batizas?» ²⁶«Eu batizo em água, mas no vosso meio encontra-se alguém que ainda não conhecem; ²⁷é aquele que vem depois de mim», respondeu João. «Mas eu nem sequer sou digno de lhe desatar as correias das sandálias.»

²⁸Isto passou-se em Betânia, do outro lado do rio Jordão, onde João estava a batizar.

1. Na leitura do Antigo Testamento o profeta anuncia que recebeu de Deus uma mensagem de consolação (Isaías 61, 1-2):

*«O Espírito do SENHOR Deus está sobre mim, porque o SENHOR me consagrou
para levar a boa nova aos pobres,
para curar os desesperados,
para proclamar a libertação aos exilados e aos prisioneiros a liberdade;
para anunciar o ano da graça do SENHOR e o dia em que o nosso Deus se vai
vingar dos inimigos;
para consolar os que estão de luto».*

Após o sofrimento da vergonha e da humilhação do cativo na Babilónia (v. 7) é apresentada ao povo uma mensagem de libertação com um novo tempo de alegria e de uma nova aliança (v. 8). Em seguida, o povo responde com um cântico de louvor (v. 10-11) que termina com a invocação «Na verdade, assim como a terra faz nascer os rebentos, ou como um jardim faz brotar as sementes, assim o SENHOR Deus faz germinar a salvação e o louvor diante de todas as nações». Que beleza este diálogo entre Deus (através do profeta) e o Povo! Que encanto e consolo este texto que nos mostra a ternura de um Deus presente que, perante as dificuldades do povo, se apronta a possibilitar-lhe um novo rumo e a nova condição de parceiro numa aliança eterna! Séculos mais tarde, a realidade é outra.

Em Nazaré, onde foi criado, Jesus lê na Sinagoga aquele texto de Isaías (S. Lucas 4, 16-30) e, no espanto encantado e silêncio atento dos seus ouvintes, proclama: *Hoje, se cumpriu a Escritura que acabais de ouvir*. Em resposta, uma pergunta sarcástica, um comentário demolidor, uma

objeção como investida de escorpião, «*Não é este o filho de José?*». Também, numa outra ocasião, murmuraram contra Jesus, «*Este não é Jesus, o filho de José, cujo pai e mãe conhecemos? Como diz agora: “Eu desci do céu”?!*» (S. João 6, 42). O povo da Aliança desdenha e encarna presunçoso a revolta dos corações dos homens contra Aquele que lhes traz a salvação. É esse o pecado maior do ser humano – frequentemente plasmado na atitude dos que não creem –, a rejeição da presença divina em Jesus porque ele é um homem e está ‘preso’ à finitude. Não conseguem enxergar a grandeza da condição divina na humildade das palavras e atos de uma pessoa humana. Não percebem que só na humanidade de Jesus se expressa a plena espiritualidade de Deus.

2. João era filho de Zacarias, sacerdote do Templo de Jerusalém, e de Isabel, de linhagem sacerdotal. Estava-lhe destinada, portanto, uma carreira segura e confortante na hierarquia religiosa do tempo, de acordo com a tradição judaica. Mas, não foi isso que aconteceu. O seu nascimento foi anunciado em circunstâncias extraordinárias (S. Lucas 1, 5-23). Depois da sua meninice João viveu no deserto, em inteira austeridade, fortificando-se espiritualmente (S. Lucas 1,80), até que por volta do ano 27 (d.C.) apareceu como pregador itinerante, anunciando o batismo do arrependimento (S. Lucas 3, 1-3). Há uma grande possibilidade de que João nesse período no deserto tenha estado em contacto e sido influenciado por uma comunidade religiosa existente em Qumran, perto do Mar Morto, onde foram descobertos, em 1947, documentos e outros vestígios da sua presença.

«*Quem és tu?*», perguntaram-lhe aqueles que já o pensavam como Messias. «*Eu não sou o Messias*», respondeu. João, já com notoriedade pública firmada, não constrói a sua identidade a partir de si próprio, mas, a partir de Jesus. Não veio de si próprio nem das suas próprias aptidões. «*Eu sou a voz do que clama no deserto*», o profeta por excelência. «*Eu batizo em água, mas no vosso meio encontra-se alguém que ainda não conhecem; é aquele que vem depois de mim*». João Batista, como homem predestinado (S. Lucas 1, 15-17), percebe claramente que «*não era a luz*», pois essa viria de alguém a quem reconhecia importância maior para nem sequer ser digno «*de lhe desatar as correias das sandálias*». Sim, João Batista tem verdadeira consciência de que tinha sido enviado «*para dar testemunho da luz*».

3. Quanto ajudaria, agora, termos um Profeta que nos testemunhasse a *luz*, neste mar de imprevisibilidades em que a pandemia nos está a lançar, e nós sem sabermos nadar! Estamos a viver um tempo de mudança que provoca instabilidade continuada e nos abala por dentro. Por um lado, a comunicação social, em particular os canais televisivos, com os seus quase permanentes noticiários da desgraça. Por outro, os ziguezagues do Governo na imposição de medidas para evitar os surtos infecciosos, e as Oposições desbragadas e desprovidas de bom senso. Tudo concorre para uma ambiência doentia, depressiva, mesmo quando temos à porta a “esperança” da vacina “salvadora”. Então, partilho convosco um conselho que dizem ser da autoria de Robert Louis Stevenson: “Mantenha os medos para si mesmo, mas partilhe a sua coragem com os outros”. Ora, reparem se tal não é o que o Apóstolo Paulo escreveu aos cristãos de Filipos: «*É isto o que eu peço: que o vosso amor cresça cada vez mais, em conhecimento e sensibilidade, a fim de poderdes discernir o que mais convém (...)*» (Filipenses 1, 9-10). Que o Senhor nos ajude!

+ Fernando

Bispo Emérito da Igreja Lusitana